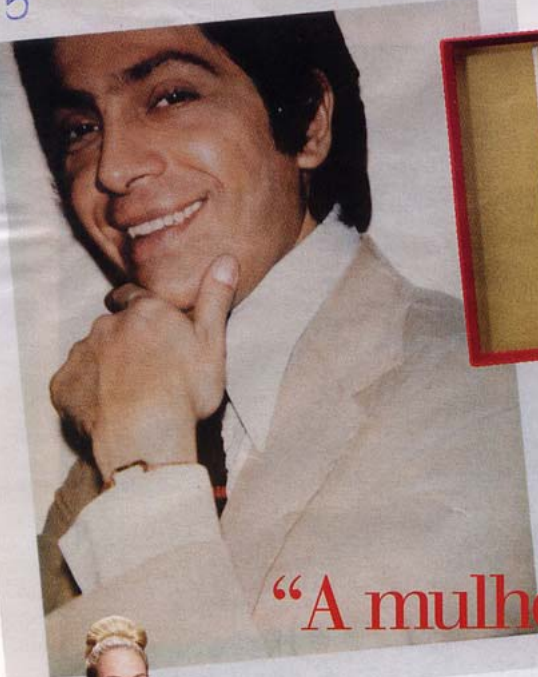


5



Valentino fotografado por Andy Warhol em 1973, e o livro *Valentino*, de Suzy Menkes e Matt Tyrnauer (Taschen, 738 pp), agora editado, e imagens do mais recente desfile do Costureiro, em Roma.

Valentino fez do seu nome próprio uma marca planetária. Antes da festa apoteótica para celebrar os seus 45 anos de carreira, o Costureiro falou com Claudine Hesse, da Madame Figaro, no salão chinês do seu palácio de Wideville, nos arredores de Paris.

“A mulher reencontrou o gosto da sedução”

Como faria o balanço destes 45 anos?

Passaram com uma rapidez incrível. Nem dei pelo escoar do tempo... Hoje, sinto-me sereno e orgulhoso da minha carreira. E orgulhoso também por ter vestido as mulheres mais belas do mundo. Não, não sou cabotino, mas agrada-me ser conhecido no mundo inteiro, de Paris a Nova Iorque, de Praga a Tóquio...

Como vê a evolução da moda ao longo das últimas décadas?

Os anos 60, aqueles em que me iniciei, foram apaixonantes: as mulheres descobriram o Pronto-a-Vestir. Mas os meus preferidos continuam a ser os anos 70, os mais festivos, os mais coloridos. Foi o tempo da Pop Art, extremamente divertido... Em contrapartida, detestei a década de 80, com os chumaços: tanto a largura de ombros como os cortes eram completamente desproporcionados, o que não valorizava o corpo. Os anos 90? *Grunge* e minimalistas, o que não faz o meu género. Hoje em dia, a mulher – e até a adolescente – reencontrou o gosto da aparência e da sedução. Felizmente!

Que pensa do actual predomínio dos acessórios, sobretudo das carteiras?

Dantes nunca se viam carteiras nos desfiles. Actualmente passa-se exactamente o oposto: não se vê um modelo na *passerelle* sem a respectiva bolsa. Na minha opinião, a carteira, tal como as jóias, dá um *kick*, aquele tudo-nada a mais que faz a diferença. Para desenvolver a minha linha de marroquinaria contratei jovens estilistas oriundos da casa Fendi.

Como é que trabalha?

Num grupo pequeno. Contrariamente ao que se possa pensar, não preciso de me rodear de uma horda de assistentes. Trabalho com dois estilistas, ponto final. Desenho muito porque, para mim, o traço é tudo. Foi da minha paixão pelo desenho e pela linha que nasceu a da Moda. Consigo criar seja onde e quando for: sei isolar-me no meio da multidão.

Apesar da sua imensa popularidade, Giorgio Armani diz-se sozinho no mundo. Como se sente Valentino?

Eu não, nem por sombras. Contacto com muita gente e tenho a minha guarda pessoal, a minha família. Não é consanguínea, mas é a minha verdadeira família. Começando por Giancarlo Giammetti, meu amigo desde o início, o meu sócio, com

quem fiz toda a minha carreira. Sem ele, não teria chegado onde cheguei. Dantes estava sempre a encontrar-me com as minhas clientes e amigas. Hoje assisto às provas, claro, mas tenho necessidade de algum isolamento. Enfim, não será bem um isolamento completo: gosto muito de estar com os meus cães [Valentino tem cinco *pugs*].

Tem 75 anos. Como mantém a forma?

Faço exercício diariamente com um treinador pessoal. Adoro praticar esqui. Não fumo nem bebo.

Quais são as suas melhores recordações?

Os meus encontros com o Papa, a rainha de Inglaterra... e Ginger Rogers. **Vestiu as mais belas mulheres do mundo. Faltou alguma no seu palmarés?**

Vesti as mais belas: Jackie Kennedy, as duas Liz, Liz Taylor e Liz Hurley (um dos ícones actuais da minha casa, para quem desenhei o vestido de noiva), e Rosário de Saxe-Coburgo, a minha musa. Sem esquecer Sharon Stone, Julia Roberts, Penélope Cruz, Clotilde de Savoie... Todas usaram criações minhas. Excepto uma: Angelina Jolie. E gostaria muito de a ver num Valentino, pois possui, na minha opinião, todas as qualidades necessárias: a beleza, a inteligência, o carisma... ●

